

## COMPLEXO ASCHENBACH-TADZIO: O LUGAR DOS JOVENS NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO

Carlos Henrique

Teixeira<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é tratar da participação da juventude no imaginário sócio-político-organizacional brasileiro. Leva-se em conta a negação direta de suas forças latentes juvenilizantes e de sua repressão, o que ajudou no surgimento de um complexo temerário da participação dos jovens no seio da sociedade organizada. A partir de autores ligados a antropologia do imaginário considera-se a confluência dos mitos que conduziram a história política brasileira, bem como a inserção das temáticas juvenis em seu meio.

**Palavras-chave:** Juventude; Imaginário; Participação; Mito.

### ABSTRACT

The aim of this paper is to address the participation of youth in the imaginary social, political and organizational Brazil. It takes into account the immediate negation of its latent forces juvenilizing and its repression, which helped the emergence of a complex rash of youth participation within the polity. From the authors related to the imaginary anthropology considers the confluence of the myths that have led the Brazilian political history, as well as the inclusion of youth issues in their midst.

**Keywords:** Youth; Imaginary; Participation; Myth.

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Unesp – Campus de Araraquara. Mestrando em Educação Escolar pela mesma instituição. E-mail: carlosh.teixeira@yahoo.com.br

Se podemos pensar, segundo Sironneau (1985), em um *imaginário sócio-político-organizacional* a respeito da persistência do mito de uma época, ou em uma *bacia semântica*, como quer Durand (1996), a respeito das convergências de todas as atividades humanas significativas e que revelam o arcabouço imaginário de uma configuração societal inserida no tempo e no espaço, então cabe-nos levantar pistas para buscar compreender a inserção da temática juvenil na sociedade brasileira, considerando seus aspectos históricos, políticos e culturais. Este caminho teórico-metodológico nos é importante se quisermos perceber como o jovem reage consciente e inconscientemente às demandas advindas da ordem social e como o social reage à presença ativa do jovem e sua *imagin-ação*.

Para Sironneau (1985), a realidade política de uma época se impregna de mitos considerados religiosos, onde as utopias e as ideologias podem se revestir de *messianismos* e *milenarismos* através de mitos como, por exemplo, do retorno da pureza racial, da terra prometida, do pai todo-poderoso, do nobre herói, da fraternidade e justiça, entre outros. Assim, ao examinarmos a história política brasileira veremos a predominância do mito milenarista do desenvolvimento circunscrito no jargão positivista *ordem e progresso* e na eterna busca da terra prometida, personificada na sucessão de governos que exploraram a exaustão a idéia de *desenvolvimento*

*econômico* através de políticas geradas a partir de um modelo capitalista tardio. Segundo Servier, os milenarismos expressam “a vontade de os homens realizarem, na terra, a nova ordem que Deus tardava a instaurar. Suas ondas de violência sucederam-se para apressar, pelo derramamento de sangue dos réprobos, o advento do reino” (SERVIER apud SIRONNEAU, 1985, p. 260). Vemos aqui claramente a emergência deste mito nas relações políticas da sociedade brasileira, desde seus primórdios marcadas pela repressão e contenção violenta das insurgências desencadeadas pelos grupos populares. O projeto progressista brasileiro também nos remete ao mito da maturidade, onde os pretensos investimentos econômicos se voltam sempre para uma sociedade em eterno crescimento, e que para crescer precisa conter os elementos perniciosos ao seu funcionamento.

Desde cedo, no Brasil, os setores sociais que detiveram o poder decisório se mostraram pouco interessados em conceder direitos aos indivíduos. A dificuldade de se pensar em democracia está ligada ao fato de que a idéia de dádiva ou favor sobrepuja a de direitos sociais. Sendo assim, o contrato social se instala a partir de um modelo paternalista, onde a imagem do pai, personificada em coronéis, militares, entre outros, retoma o mito do *todo-poderoso*, do *senhor dos exércitos*, capaz de punir todos que forem contra seu ideário e, ao mesmo tempo, proteger seus

bons filhos. Este mito vai conduzir a formação de uma cultura política com pouca aptidão para o diálogo democrático e de um projeto milenarista focado na idéia de eterno crescimento rumo a uma sociedade desenvolvida e no pleno controle deste processo, mesmo através do uso permanente da força coercitiva.

Neste projeto, a escola se torna o principal instrumento da correção das distorções sociais, pois busca legitimar a ordem assumida pela representação coletiva que lhe dá o papel decisivo na conformação da sociedade, para evitar sua desagregação e garantir a construção da igualdade nos moldes do imaginário burguês. O mito do reino da justiça e da igualdade, revivido no ideário iluminista e na Revolução Francesa, retorna no projeto escolanovista onde se buscou superar a situação de opressão do Antigo Regime e vencer a barreira da ignorância. Desta forma, a escola, em seus primórdios, é erigida com o intuito de transformar súditos em cidadãos, de colocar em movimento um projeto de construção de uma sociedade fundada no imaginário burguês que idealizara a *polis* perfeita. E assim, toda a história da escola se funde ao desejo de construção e da busca de um *mundus perfectus* desencadeada em torno de uma bacia semântica milenarista voltada para o futuro em busca da *terra que emana leite e mel*.

Em torno deste projeto desenvolvimentista emerge, em suas margens,

outros elementos míticos relacionados ao *messianismo*, à crítica da ordem social e da busca da salvação através da ruptura revolucionária. A respeito da diferença entre os dois elementos míticos milenaristas utópicos e messiânicos, Sironneau vai dizer que

[...] os autores de utopias são bastante diferentes dos messias: são de origem burguesa, alheios às aspirações populares, legistas decepcionados ou conselheiros do príncipe, enquanto os messias são apaixonados detratores da ordem social (sacerdotes ou monges egressos ou excomungados, artesãos, pastores, camponeses, nobres de modesto estamento), capazes de cristalizar as frustrações e as aspirações das massas. (SIRONNEAU, 1985, p. 260)

Em um sistema vivo complexo, surge a *neuentropia* como manifestação da *neotenia humana*<sup>2</sup>, representando o mecanismo de *juvenilização* do homem que se abre para novos horizontes existenciais contra as determinações absolutas. No sistema sócio-político brasileiro que estamos tratando, percebemos uma clara tendência dos setores sociais que manipulam os aparelhos ideológicos formativos em resistir violentamente aos processos de reorganização das instituições em torno das novas aspirações populares. Por outro lado, podemos identificar

<sup>2</sup> Morin afirma que a consciência emerge na diáclase antropológica (que é o lugar da ambigüidade e do imaginário, a desmesura e a desordem que são os vetores da neotenia humana).

nos inúmeros messias que surgiram na história brasileira, atores comprometidos com a subversão da ordem burguesa, muitos deles ligados a movimentos de jovens estudantes, que sonhavam com o grande dia da *fuga do Egito*, com a queda dos regimes caducos e repressivos. Se não fosse o ser humano um autêntico neóteno, como mostraram os clássicos estudos da bioantropologia, principalmente os trabalhos de Louis Bolk, talvez os regimes totalitários tivessem, em seus projetos milenaristas, algum êxito. Acontece que o ser humano, como *neóteno neuentropo* é um

[...] ser aberto para o mundo, um especialista da não-especialização, um aprendiz por curiosidade ativa, um lúdico explorador de espaços ampliados ('euryoecéticos'), um ser permanentemente incompleto e inacabado, portanto, um ser do perigo (periclitado), da álea, do risco, da desordem complexificante, ser ambíguo, ambivalente e crítico". (PAULA CARVALHO, 1990, p. 87)

Temos a emergência da ambivalência entre as estruturas entrópicas e neuentrópicas, onde a mediação simbólica se dá através da oscilação determinação/indeterminação gerando um duplo processo de institucionalização. A respeito desta mediação nos traços organizacionais das instituições brasileiras, percebemos, ao longo da história, uma clara

tendência a *antropoemia*<sup>3</sup>, onde os indivíduos detentores de forças temíveis têm que ser expulsos ou trancafiados para longe da humanidade. Assim, vemos uma forte resistência por parte da cultura sócio-política *patente*, personificada nas instituições repressivas que possuem o monopólio da força, contra as culturas sócio-políticas *latentes*, receptáculos de todo anseio de mudança. J. C. de Paula Carvalho (1990) nos traz a concepção matricial de cultura através dos seus pólos *latentes* e *patentes*, como proposto por Morin (1977), para explicar as mediações simbólicas como trajetividades entre esses pólos. No pólo das forças estruturantes, ou patentes, temos as organizações e instituições, códigos, as formações discursivas, leis, sistemas de ação social e as ideações. No pólo das experiências existenciais, ou latentes, temos os grupos, as vivências, a afetividade, o imaginário e as fantasmatisações.

Através de um exame histórico a cerca da ação do jovem no contexto antropolítico brasileiro, perceberemos, com facilidade, que este jovem sempre foi identificado com os traços neótenos de ser crísico, ser da álea, ser da degeneração, que sempre inspirou medo às estruturas patentes de organização e perigo à

---

<sup>3</sup> Lévi-Strauss distingue dois tipos de sociedade, as que praticam a antropofagia (que vêm na absorção de certos indivíduos detentores de forças temíveis o único meio de neutralizá-las aproveitando-lhes a energia) e as que praticam a antropoemia (que, diante do mesmo problema escolheram a solução de expulsar fora do corpo social estes indivíduos).

coesão social. A história da juventude no Brasil foi marcada pela negação direta de suas forças latentes juvenilizantes e de sua repressão, o que ajudou no surgimento de um complexo temerário de sua participação no seio da sociedade organizada.

Apesar de a juventude estudantil ter marcado presença nos processos de combate às estruturas conservadoras durante o período de modernização do país que compreende os anos 30 aos 70, houve sempre desconfiança e temor em relação as suas ações: para os setores conservadores, a suspeita de baderna e de radicalismo transgressor; para alguns setores da esquerda, a suspeita de alienação ou de radicalidade pequeno-burguesa inconseqüente. Nos anos 80, o enfraquecimento dos atores estudantis levou a um “desaparecimento” da juventude da cena política e um diagnóstico por parte daqueles que participaram do período anterior de que a juventude perdera a capacidade de “sonhar” e de “lutar por um mundo melhor”. Neste momento, temos a saturação do mito condutor do imaginário juvenil calcado em constelações simbólicas relacionadas a ruptura, a terra da justiça e igualdade, o messias contestador a conduzir o processo de salvação, e a instauração de outras correntes míticas. Isso fica ainda mais claro quando analisamos a leitura feita pelos adultos a cerca da participação dos jovens nas movimentações de rua pelo impeachment de Collor, em 1992, onde foram largamente desqualificadas por

serem espontaneístas, com mais dimensão de festa do que de efetiva politização. Assim, a história da participação dos jovens na sociedade brasileira mostra como um imaginário que combinou os sonhos escatológicos do milenarismo e os sonhos do iluminismo<sup>4</sup>, representado pela revolução dos comportamentos, deu lugar a um imaginário de inversão, onde se buscou o retorno ao lugar de repouso, o retorno aos guetos e às tribos, para se viver o calor festivo da vida comunitária; imaginário este característico da juventude nos dias atuais.

Notamos hoje a grande dificuldade da sociedade brasileira em considerar os jovens como seres de direito, e como eles são sempre relacionados aos “problemas sociais” quando abordados pela mídia, como por exemplo as drogas, as doenças sexualmente transmissíveis, a violência, entre outros. Ao mesmo tempo, vemos surgir, através dos meios de comunicação de massa, uma avalanche de produtos direcionados a eles. Programas de TV, música, moda e revistas, tudo parece direcionado aos jovens, que se tornaram um dos mais importantes alvos das industriais do entretenimento. A fetichização de seus corpos, a exploração de seus desejos e, ao mesmo tempo, o medo de sua participação

nas instituições, o receio de sua aproximação que pode representar um perigo à ordem social, nos mostra um ideário de fascínio e de repulsa, um imaginário da sedução e do pavor em relação ao canto irresistível da sereia. Para ilustrar esta idéia, utilizaremos o fabuloso romance de Thomas Mann, *Morte em Veneza*, de onde retiramos a idéia de *complexo Aschenbach-Tadzio* para explicar como a fascinação e a repulsão do elemento juvenilizante ocorre em nossa sociedade.

A obra narra a história de um velho escritor e esteta, Gustav von Aschenbach, que resolve viajar à Veneza em busca de inspiração. No hotel em que está hospedado existe um jovem polonês de 14 anos, Tadzio, que personifica seu ideal de beleza e aos poucos vai se apaixonando. Aschenbach era um homem franzino, deprimido por sua fraqueza física e decrepitude, que descobre em Tadzio a figura do verdadeiro Apolo, modelo máximo de beleza estética.

O livro se desenrola através dos conflitos deste homem vivido, burguês, conservador, que rejeitava atitudes que mostram a degradação do homem. Aschenbach reprova veementemente o comportamento de um velho homem que encontra no navio em que viaja. Este homem procura parecer mais jovem do que é. "Sentindo-se arrepiado, Aschenbach analisou-o em sua comunidade com os amigos. Não sabiam, não percebiam que era velho, que injustamente passava por um deles?" (MANN, 1976, p. 39). A descrição

---

<sup>4</sup> Sironneau (1985) vê nos anseios do socialismo e do comunismo uma mistura do princípio milenarista e dos sonhos das luzes, onde a revolução será personificada na figura de Prometeu. Assim, nos moldes marxistas, a juventude revolucionária dos anos 60 e 70 sonhou com a construção de um novo mundo e uma nova Terra Prometida.

revela um velho de cabelos tingidos de aparência rejuvenescida a compartilhar da presença de outros jovens. “Aschenbach o observou com uma espécie de horror que o **jovem era falso**” (MANN, 1976, p.40, grifo nosso). O que Aschenbach venera é a disciplina, a moralidade e a ordem na natureza, onde o envelhecimento representa um processo natural da vida.

Ao conhecer Tadzio e sua beleza, porém, o velho se transforma como que imbuído de impulsos juvenilizantes. Mann narra sua queda, a perda de sua própria individualidade. Torna-se o mesmo velho que lhe causara repulsa no navio ao procurar parecer mais jovem. Aschenbach passa a resistir de todas as formas a sua paixão pela beleza personificada no jovem, mas não consegue. Não há nenhum contato direto com o jovem na narrativa. Em torno das tentativas de resistência de Aschenbach, o contato fica sabotado, impedido de se realizar; a velhice não encontra a juventude plenamente, tenta negá-la, mas não consegue ceder a sua sedução.

Em um interessante artigo sobre a obra, José Miguel Rasia (2001), mostra como a figura do falso jovem perseguirá Aschenbach em toda a narrativa.

[...] O falso jovem seria, daí para a frente, o companheiro de viagem que não abandonaria Aschenbach. Portanto, viveria esse companheiro o tempo que Aschenbach permaneceu em Veneza. O

encontro de Tadzio, embora fosse o encontro com a beleza, com o belo em seu sentido de categoria estética, num primeiro momento, deu-se sob o fantasma do falso jovem. O novo olhar, que Aschenbach, ao delirar julga capaz de reordenar o que fica disforme, não desarticula esse fantasma, não consegue destituí-lo. (RASIA, 2001, p. 62)

Nesta metáfora percebemos um pouco do que se tornou a relação da juventude com as instituições políticas brasileiras, inclusive a escola como seu aparato. Por um lado a negação de seus direitos e a dificuldade de estabelecer relações de diálogo com os jovens pelo temor inconsciente de instaurar a crise nas organizações. Por outro, a veneração de seus corpos através da mídia e a exploração de sua vocação natural à mudança para fazer valer novos modelos de consumo que exigem a busca frenética de atualizações. Podemos concluir, assim, através da metáfora Aschenbach-Tadzio, que a sociedade brasileira não desenvolveu plenos mecanismos para fazer fluir a neotenia humana. Embora esta não possa ser negada por ser parte constitutiva do ser no mundo, sua sabotagem pelos projetos desenvolvimentistas faz surgir a tensão nos processos de mediação simbólica, embotando os projetos de diferenciação das culturas, acabando por desenvolver uma espécie de função esquizofrênica, onde a absolutização das mediações engessa a ambivalência e os fenômenos imaginários, que acabam por explodir na *anomia* e na desordem

social, afetando o sentido dos atos e fazendo emergir outras formas de socialização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, G.. La notion de bassin sémantique. In: *Introduction à la mythologie*. Mythes et sociétés. Paris: Albin Michel, 1996.

MANN, T. *Morte em Veneza*. Tradução: Maria Dellireg. São Paulo: Hemus, 1976.

MORIN, E. *La méthode I – La nature de la nature*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

PAULA CARVALHO, J. C. *Antropologia das organizações e educação: Um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

RASIA, J. M. Morte em Veneza: desejo e interdição. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 55-77, jan./jun. 2001.

SIRONNEAU, J. P. Retorno do mito e do imaginário sócio-político e organizacional. In: *Revista da Faculdade de Educação (USP)*, 11 (1/2): 257-273, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA